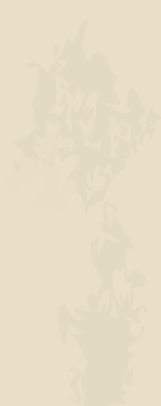


**ANTOLOGIA
POÉTICA**

**O GÊNERO,
A COR E A VOZ
DA RESISTÊNCIA:**

*Interdisciplinaridade e poesia
na Educação Profissional*

Arlon Andrade Carvalho
Márcio Aurélio Carvalho de Moraes
Joselma Ferreira Lima e Silva



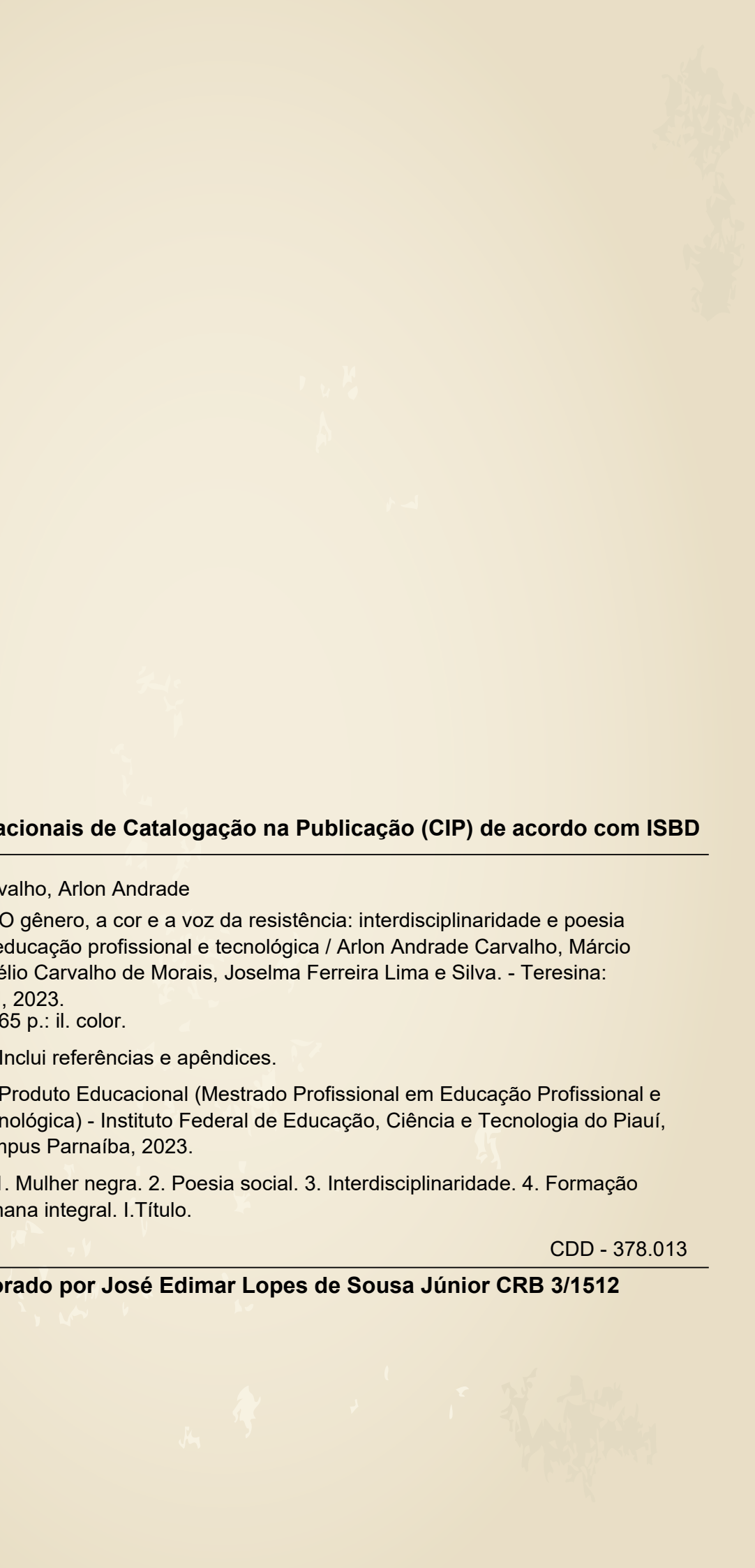
Arlon Andrade Carvalho
Márcio Aurélio Carvalho de Moraes
Joselma Ferreira Lima e Silva

**O GÊNERO, A COR E A VOZ DA RESISTÊNCIA:
Interdisciplinaridade e poesia na Educação Profissional**



Parnaíba - PI
2023





Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

Carvalho, Arlon Andrade

C331g O gênero, a cor e a voz da resistência: interdisciplinaridade e poesia na educação profissional e tecnológica / Arlon Andrade Carvalho, Márcio Aurélio Carvalho de Moraes, Joselma Ferreira Lima e Silva. - Teresina: IFPI, 2023.
65 p.: il. color.

Inclui referências e apêndices.

Produto Educacional (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí, Campus Parnaíba, 2023.

1. Mulher negra. 2. Poesia social. 3. Interdisciplinaridade. 4. Formação humana integral. I. Título.

CDD - 378.013

Elaborado por José Edimar Lopes de Sousa Júnior CRB 3/1512



Voz da resistência

Arrancada a força de minha tribo,
enclausurada em um porão frio.
Açoitada com chicote rijo,
minhas lágrimas avolumaram o mar.

Tratada como mercadoria,
minha vida perde o valor.
Enquanto isso, pra meu senhor,
minha força grande preço há.

Na senzala ou na cozinha,
vi uma grande nação prosperar.
Enquanto minha vida, se aprisiona,
em um tronco a açoitar.

Minha liberdade fora tirada,
mas minha voz nunca calada.
Por meu povo sempre lutei,
e com a própria vida paguei.

Com minha carta de alforria,
minha força pus a multiplicar.
E por mim e por muitas outras,
a sociedade quero mudar.

Hoje ainda não consegui,
gênero e raça igualar.
Mesmo assim não desisti,
e a luta hei de continuar.

Arlon Andrade Carvalho



DEDICATÓRIA

Dedico esse produto educacional, fruto da minha pesquisa de mestrado, ao principal ícone de inspiração e representatividade desse trabalho, a mulher negra. A todas as mulheres guerreiras, que ao longo de séculos, travaram lutas diárias por equidade social; às resistentes mulheres, que mesmo diante de uma sociedade injusta, sempre acreditaram na igualdade entre as pessoas, independente do gênero ou da cor; às intelectuais e militantes mulheres, que não se calaram, emprestando sua escrita para materializar suas vozes de resistência e indignação; a todas as mães e educadoras, negras ou brancas, que dedicaram o seu mais precioso tempo para cuidar e educar as gerações futuras, mantendo viva a chama da esperança e a crença no poder transformador da educação.





AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, criador e mantenedor da minha vida, por me amar como sou e estou; a meu pai, por ter contribuído no processo da minha concepção e por me ensinar, desde muito cedo, a ser forte e não esmorecer diante das dificuldades; a minha mãe, exemplo de mulher guerreira e inspiração feminina, pelo amor incondicional, sábios ensinamentos, e orações diárias; a minhas irmãs, pelo grande e intenso apoio nas horas difíceis; a meus sobrinhos, pelo sorriso espontâneo nas horas difíceis; a meus amigos de coração, que por muitas vezes, choraram e se alegraram juntamente comigo; a meus alunos, pela oportunidade de aprendizagem diária; e a todos os meus mestres, principais responsáveis pelo que hoje sou e pelas conquistas alcançadas durante a redação da minha história de vida.



AUTORES

Arlon Andrade Carvalho

Mestre em Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí. Especialista em Estudos Linguísticos e Literários pela Universidade Estadual do Piauí e em Psicopedagogia Institucional pelo Instituto Superior de Educação do Sul do Piauí. Bacharel em Administração pela Universidade Federal do Piauí e licenciado em Letras - Português/Inglês pela Universidade Estadual do Piauí. Professor de Língua Portuguesa no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí - Campus São João do Piauí.



Márcio Aurélio Carvalho de Moraes

Doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Mestre em Ensino de Ciência e Matemática pela Universidade Luterana do Brasil. Professor Efetivo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Piauí. Experiência nas áreas: Tecnologia Educacional e Formação de Professores, Educação Profissional e Tecnológica, Educação de Jovens e Adultos, Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica, Práticas pedagógicas para o ensino e aprendizagem de Ciências e matemática, Organização do currículo integrado na EPT. Atualmente, é Diretor de Ensino Superior – PROEN / Reitoria - IFPI.



Joselma Ferreira Lima e Silva

Doutora em Educação pela Universidade Estadual do Ceará. Mestre em Educação pela Universidade Federal da Paraíba. Especialista em PROEJA pelo Instituto Federal do Piauí. Especialista em Psicologia Aplicada à Educação pela URCA Universidade Regional do Cariri. Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Regional do Cariri, Ceará. Licenciada nas Ciências da Religião pela Faculdade Integrada de Teologia Viva. É graduada em Letras/Português pela Universidade Estadual do Piauí. Atualmente é Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí, de Disciplinas Pedagógicas, Campus Piripiri.





COLABORADORES

- Rodrigo da Silva Rodrigues – professor de Geografia
- Ozael de Moura Costa – professor de História
- Jaime Dias da Nobrega - designer
- Antônio José Rodrigues de Macedo – estudante
- Emily dos Santos Vieira – estudante
- Isak Oliveira de Sousa – estudante
- Izabela Coelho Paulo – estudante
- João Victor Tavares de Sousa - estudante
- Kássia Coelho Gomes – estudante
- Keury de Sousa Barbosa – estudante
- Lara Gabryelle Ferreira Moura – estudante
- Laura Maria Soares de Oliveira Mora - estudante
- Leonardo Vieira dos Santos – estudante
- Marco Túlio Tavares Maia – estudante
- Marcylenne Vieira Dias de Andrade – estudante
- Maria Eduarda de Sousa Passos - estudante
- Marileia Rodrigues de Sousa – estudante
- Pedro Henrique Pereira dos Santos – estudante
- Sansão Alberto Pereira de Araújo – estudante
- Thailane Sousa Magalhães – estudante
- Valéria da Cruz Alencar – estudante
- Wilson Joaquim Oliveira dos Santos – estudante
- Wislan Moura Piauí – estudante



APRESENTAÇÃO

O desenvolvimento de um produto educacional é uma exigência para a conclusão do Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica. Assim, como proposta de produto educacional, planejou-se relacionar os conhecimentos inerentes à pesquisa em conjunto ao ensino interdisciplinar entre diferentes disciplinas, valendo-se para tanto dos conhecimentos de mundo dos estudantes participantes e de saberes advindos das disciplinas em questão sobre a temática abordada.

A partir de uma visão integradora e por meio de oficinas interdisciplinares, foi possível se discutir a problemática e se construir de forma coletiva e participativa o produto em discussão. O objetivo principal ao conceber a ideia do referido produto educacional foi envolver os estudantes em seu processo de construção, os quais muitas vezes sofreram ou sofrem preconceitos e privações em detrimento de seu gênero ou cor.

Dentro dessa proposta, os resultados do estudo realizado durante a pesquisa foram apresentados e serviram de base para a discussão com os estudantes da Educação Profissional e Tecnológica, os quais foram estimulados a discutir e produzir sobre a condição da mulher negra na sociedade brasileira. Nesse sentido, os participantes do projeto não foram apenas agentes receptivos dos resultados da pesquisa, mas protagonistas da construção do produto educacional.

Por meio dos mecanismos linguísticos, técnicas de produção textual e de uma literatura engajada com a realidade social, os partícipes efetivamente usaram a língua como ferramenta de compreensão e expressão crítica da realidade social. Nessa perspectiva, pretendeu-se dar voz a esses atores, e não apenas através da fala, que se perde com o tempo, mas através do registro escrito que irá perpetuar ao longo do tempo suas ideias e pensamentos.

Em analogia ao título do trabalho “O gênero, a cor e voz da resistência”, pretendeu-se dar voz através da escrita aos estudantes participantes da pesquisa na construção do produto educacional. Os atores, com base em suas próprias experiências de vida, conhecimento de mundo, bem como gerados pelas ações desse trabalho, puderam escrever textos dentro do gênero poesia, os quais compõem uma antologia poética no formato de e-book sobre a temática em questão.

Assim, por meio de uma escrita engajada, suas “vozes” foram materializadas em uma obra que servirá, não apenas de produto educacional



mas para a reflexão sobre uma problemática social secular gritante, que por sua vez possibilitará a mudança de pensamentos e/ou ações e consequentemente gerar mudança na realidade social de seus autores e leitores.





SUMÁRIO

1 - Introdução.....	11
2 - O gênero e cor da resistência.....	13
3 - Formação humana integral na educação profissional.....	18
4 - Interdisciplinaridade e engajamento social.....	20
5 - A poesia como ferramenta de denúncia social.....	24
6 - Inquietação, reflexão e intervenção.....	30
7 - A vez e a voz da resistência.....	38
8 - Considerações finais.....	63
Referências.....	64



Introdução

“Aquele que é feito escravo por uma força maior do que a sua, ama a liberdade e é capaz de morrer por ela, nunca chegou a ser escravo.” (Zumbi dos Palmares)

O produto educacional em questão é uma proposta de trabalho interdisciplinaridade engajada as demandas sociais, cuja intenção é fomentar a discussão e reflexão dos estudantes acerca da condição de invisibilidade histórico-social da mulher negra na sociedade atual. Para tanto, buscou-se a participação dos sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, a saber professores e estudantes pertencentes à referida modalidade de ensino, os quais participaram de maneira ativa na construção do produto.

Sua construção teve como espaço físico de realização as dependências do Instituto Federal de Educação, Ciência e tecnologia do Piauí – Campus São João do Piauí. Participaram das suas ações, atividades/oficinas, 30 (trinta) estudantes da 3ª série do curso Técnico em Administração Integrado ao Ensino Médio, e 3 (três) professores das disciplinas de Língua Portuguesa, Geografia e História, atores-protagonistas sem os quais seria impossível a realização desse trabalho.

O objetivo principal desse produto educacional é fomentar e trazer para ambiente escolar discussões sobre temas e problemas vigentes na sociedade atual, a exemplo da condição da mulher negra, os quais impactam diretamente na vida pessoal, nas relações sociais e formação dos estudantes. Com vista a uma proposta de formação humana integral, é importante que além dos conhecimentos propedêuticos e técnicos, sejam-lhes proporcionado uma formação que vá além dos conteúdos sistemáticos do currículo escolar.

Além de apresentar o panorama em que se desenvolveu esse produto e o resultado das atividades desenvolvidas ao longo do processo de sua construção, buscou-se ainda apresentar uma síntese do referencial teórico que fundamenta a proposta de pesquisa, visto que, foi a partir do estudo da problemática que nasceu o projeto desse produto. Para tanto, foram apresentadas uma sequência de seções que representam as ideias basilares desse trabalho, abordando as seguintes temática: a) a condição histórico-social da mulher negra; b) formação humana integral na educação profissional; c) interdisciplinaridade alinhada as demandas sociais; d) poesia como ferramenta de denúncia social.



Embasando-se na contextualização anteriormente explicitada, o trabalho de construção do produto educacional desenvolveu-se em quatro etapas, as quais estão intimamente ligadas à necessidade de atender e cumprir como os objetivos previamente estabelecidos. Assim, partindo de uma análise detalhada da problemática de pesquisa, fez-se necessários desenvolver uma sequência de atividades com vista a concretização do produto.

Nesse sentido, no decorrer da construção do produto educacional foram desenvolvidas oficinas, as quais geraram de forma cronológica as seguintes atividades e/ou ações: a) apresentação geográfica sobre as diferenças de gênero e raça; b) análise histórica o protagonismo da mulher negra na sociedade; c) produção de poemas poesia sobre a mulher negra no contexto social; d) socialização dos poemas produzidos pelos estudantes participantes.

Assim, através desse trabalho, buscou-se contribuir com a formação omnilateral dos estudantes da Educação Profissional e Tecnológica com o intuito de formar pessoas, não apenas para a atuação no mercado de trabalho, mas sim pessoas de visão ampla e crítica voltada para as problemáticas sociais. Consequentemente, espera-se contribuir para formação de pessoas e profissionais mais humanizados para atuarem no mundo do trabalho e nas diferentes relações sociais cotidianas.



O gênero e a cor da resistência

“Precisamos ser criadas para a liberdade. O mundo é grande demais para não sermos quem a gente é.” (Elza Soares)

Ao analisar o contexto histórico-social em que se desenvolveu a sociedade brasileira é perceptível a pequena ou até mesmo inexistente participação e/ou atuação da mulher no protagonismo social. Mas essa ausência nos registros históricos é de fato um posicionamento próprio da mulher ou uma condição de invisibilidade imposta pelos padrões sociais patriarcais?

Sobre o tema, muitos pesquisadores buscaram evidenciar a invisibilidade, não voluntária, mas sim imposta às mulheres ao longo da história. Sobre a problemática, George Duby e Michelle Perrot, questionam:

Escrever a história das mulheres? Durante muito tempo foi uma questão incongruente ou ausente. Voltadas ao silêncio da reprodução materna e doméstica, na sombra da domesticidade que não merece ser quantificada nem narrada, terão mesmo as mulheres uma história? (DUBY e PERROT, 1990, p.7)

O fato histórico, ou a ausência dos registros da participação feminina se dá pela forma que a sociedade, e nesse caso a própria sociedade brasileira, fora organizada. Sendo assim, constituída a partir de moldes patriarcais alicerçados na figura masculina, símbolo de poder e dominação. A respeito da organização e funcionamento social, Bourdieu (2015), explicitam o contexto de dominação masculina em todos os seguimentos sociais, enfatizando que

A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembleia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres; ou, no interior desta, entre a parte masculina, como o salão, e a parte feminina, como o estábulo, a água e os vegetais; é a estrutura do tempo, a jornada, o ano agrário, ou o ciclo de vida como momentos de ruptura, masculinos, e longos períodos de gestação, femininos. (BOURDIEU, 2015, p. 18)



Na visão do autor, o retrato social é explicado pela divisão expressiva entre os sexos, sendo dado ao masculino, lugar privilegiado no âmbito social, incluindo nisso o poder de decisão e consequentemente o controle sobre o a mulher. A respeito da discrepante noção de poder na construção social baseada na condição de gênero, Scott (1994), destaca que

O núcleo essencial da definição repousa sobre a relação fundamental entre duas proposições: gênero é um elemento constitutivo das relações sociais, baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e mais, o gênero é uma forma primeira de dar significado às relações de poder. (SCOTT, 1994, p. 13)

Essa concepção patriarcal e machista que embasou a maioria das sociedades, incluindo-se nelas a brasileira, transfere o poder e o controle social ao gênero masculino. Baseando-se nessa abordagem, fica evidente a invisibilidade social da mulher ao longo da história, uma vez que, eram os homens que participavam do processo de registros dos fatos históricos, reservando à mulher, o lugar de coadjuvante do processo.

Historicamente a mulher foi reduzida ao papel social de cuidadora do lar e criadora de filhos, sendo privada de uma ascensão dentro dos papéis social e fadada a ser coadjuvante do homem. Reportando-se ao período escravocrata brasileiro, Saffioti destaca que

As mulheres brancas da época escravocrata apresentavam os requisitos fundamentais para submeter-se, sem contestação, ao poder do patriarca, aliando à ignorância uma imensa imaturidade. Casavam-se, via de regra, tão jovens que aos vinte anos eram praticamente consideradas solteironas. Era normal que aos quinze anos a mulher já estivesse casada e com um filho, havendo muitas que se tornavam mães aos treze anos. Educadas em ambiente rigorosamente patriarcal, essas meninas-mães escapavam ao domínio do pai para, com o casamento, caírem na esfera de domínio do marido. (SAFFIOTI, 1976, p. 91)

Inseridas em um universo patriarcal, a mulher sempre ocupou, na família, no trabalho e na sociedade de modo geral, uma posição e/ou função inferior ou subordinada ao homem. Esse perfil subordinado criou uma condição desfavorável a sua atuação em diferentes práticas sociais, gerando discussões, pesquisas e produções das mais diversas áreas do saber.



Ao longo da história, a mulher foi privada de seus direitos e participação social, a começar pelo direito à educação. Por muitas décadas, a educação dada à mulher foi diferenciada da ofertada aos homens, essa prática excludente impediu que muitas mentes femininas despontassem no meio científico, político e artístico.

Sua educação era voltada à execução de atividades, sobre as quais eram instruídas desde muito cedo, sendo sua educação escolar resumida ao processo de alfabetização (ler e escrever), isso quando pertencentes a famílias bastardas. Quando lhes era dada o “acesso à educação”, está era oferecida em ambiente doméstico, sendo reservado apenas aos homens o espaço nas academias.

Sobre a educação destinada à mulher por muitas décadas da nossa história, Nísia Floresta (1989), descreve:

Saber habilmente manejar os bilros com que faziam grosseiras rendas, girar o fuso para reduzir o algodão a grosso fio, pegar na agulha sem o conhecimento dos delicados trabalhos que dela se podem obter, conhecer o ponto de calda para as diferentes compotas e doces secos, laborar a lançadeira do tear, bambolear a pequena urupema e a fina peneira para preparar depois as massas, colorir as escamas dos peixes ou adaptar as variadas penas dos lindos pássaros tropicais a simetria das flores que fabricavam com umas e outras, etc. tais eram geralmente as ocupações que revelavam talento da jovem brasileira. (FLORESTA, 1989, p. 54)

Esse foi o retrato da “educação feminina” oferecido no Brasil ao longo de décadas, uma educação preconceituosa a nível de gênero e raça e excludente em relação à condição social. Excluída do processo de educação formal, a mulher deixa de participar de espaços de construção e/ou disseminação de conhecimentos, tornando-se ainda mais reféns das amarras de pensamentos muitas vezes machistas e preconceituosos.

Se para a mulher branca a sociedade patriarcal foi excludente, para a mulher negra, há o agravamento dessa desigualdade que vai além do gênero, enveredando-se pelo veio da dupla exploração. Nesse aspecto, Davis (2016), reforça que

A postura dos senhores em relação às escravas era regida pela conveniência: quando era lucrativo explorá-las como se fossem homens, eram vistas como desprovidas de gênero; mas, quando podiam ser exploradas, punidas e reprimidas de modos cabíveis apenas às mulheres, elas eram reduzidas exclusivamente à sua condição de fêmeas. (DAVIS, 2016, p. 25)



Percebe-se nisso que, além de uma desigualdade social já evidenciada pela condição de gênero, a mulher negra sofre duplamente pela sua condição de raça, sendo tratada de acordo com as conveniências daqueles que se diziam seus donos. Além da privação da própria liberdade e da exploração da sua força de trabalho, a mulher negra foi, e em muitos casos ainda é, vítima de abusos e exploração sexual.

Davis (2016), em seu discurso, amplia ainda sobre as explorações e violações sofridas pela mulher negra, afirmando que

Como mulheres, as escravas eram inerentemente vulneráveis a todas as formas de coerção sexual. Enquanto as punições mais violentas impostas aos homens consistiam em açoitamentos e mutilações, as mulheres eram açoitadas, mutiladas e também estupradas. O estupro, na verdade, era uma expressão ostensiva do domínio econômico do proprietário e do controle do feitor sobre as mulheres negras na condição de trabalhadoras. (DAVIS, 2016, p. 26)

Na visão da autora, as mulheres negras eram tratadas como uma simples mercadoria, a qual deveria ser explorada em todo seu potencial, sem, no entanto, haver preocupação com sua integridade física ou mental. Assim, eram submetidas a condições degradantes de trabalho exploratório e punidas quando não atendiam às expectativas de seus senhores, os quais se viam no direito, inclusive, de violar seus corpos como forma de manifestação de posse.

Filha de uma cultura escravocrata, a sociedade brasileira formou-se sob a absurda ideia de que, além do gênero, havia uma raça superior no contexto das relações sociais. Essa deturpada concepção social favoreceu o desenvolvimento de uma sociedade segregada pautada em ideologias de gênero e raça. Tal herança transpassou séculos da nossa história e ainda se perpetua nos dias atuais, expondo resquícios danosos de uma sociedade violentamente preconceituosa e racista.

Sobre o problema secular, o antropólogo Kabengele Munanga (2022), enfatiza que

O problema fundamental não está na raça, que é uma classificação pseudocientífica rejeitada pelos próprios cientistas da área biológica. O nó do problema está no racismo que hierarquiza, desumaniza e justifica a discriminação existente. (MUNANGA; 2022, p. 121)



Fadada ao exercício principal das atividades domésticas, a mulher tornou-se invisível aos olhos da sociedade, tornando-se subordinada e auxiliar ao gênero oposto, o qual juntou para si todos os privilégios e postos na hierarquia social. A própria condição de trabalho a qual fora submetida a mulher ao longo de décadas, explica sua invisibilidade, quando o foco se volta para a mulher negra, essa invisibilidade é ainda maior, dado ao duplo preconceito gênero-racial.

Percebe-se, portanto, que o problema histórico-social da mulher negra não reside apenas na questão de gênero ou na coexistência de raças. O grande gargalo encontra-se na atitude tomada, ao longo da história, por aqueles que se intitulam privilegiados e/ou superiores, criando uma construção hierárquica ultrapassada nas relações sociais, gerando exclusão e exploração do trabalho, o que se acentua ainda mais quando o foco é a mulher negra.



Formação humana integral na Educação Profissional

"Quando o homem decidir reformar a sua consciência, o mundo tomará outro roteiro." (Carolina Maria de Jesus)

“Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo” (Freire, 1979, p.84). É inicialmente sustentado no pensamento do educador Paulo Freire e na crença do poder transformador da educação que se inicia a discussão acerca da formação humana integral. Nessa curta citação, três palavras-chave definem um pensamento amplo: educação, pessoas e mundo. Elementos fundamentais quando se deseja realizar uma prática de ensino efetiva e engajada junto à problemáticas sociais, expandido a educação para além das paredes da sala de aula.

Partindo da premissa de Freire, é preciso investir e acreditar nas pessoas como instrumento de transformação social, pois são elas que constroem, moldam e conseqüentemente, podem mudar o cenário de injustiças e discrepâncias sociais. É verdade que, não será qualquer pessoa e nem somente a pessoa ou um pequeno grupo, é preciso investir em uma educação massificada e igualitária voltada, principalmente para as gerações em formação, afim de que as mesmas possam, por meio da educação transformadora a elas oferecidas, criarem e ter condições para mudar o mundo ao seu redor.

Segundo Libâneo (2012), a educação é um fator de realização da cidadania, com padrões de qualidade, na luta contra a superação das desigualdades sociais e da exclusão social. Para além dos aspectos técnico-científico de formação, a educação deve voltar-se para uma formação que priorize o ser humano como um todo, proporcionando-lhe a construção de sua omnilateralidade. Esse enfoque na formação é de suma importância quando se almeja ofertar uma educação que propicie mudanças sociais, uma vez que, é a partir da mudança no pensamento humano que se transformar a realidade social.

É dentro dessa perspectiva de uma educação que integre conhecimentos técnicos, científicos e humanos, que surge a necessidade de se ofertar uma formação humana integral. Sobre o referido modelo de educação, Ramos (2014), destaca que



[...] o conceito de formação humana integral sugere superar o ser humano dividido historicamente pela divisão social do trabalho entre a ação de executar e a ação de pensar, dirigir ou planejar. Assim, o conceito de integração, usado para definir uma forma de oferta da educação profissional articulada com o ensino médio, qual seja, o de natureza filosófica expressa uma concepção de formação humana, com base na integração de todas as dimensões da vida no processo educativo, visando à formação omnilateral dos sujeitos. (RAMOS, 2014, p.94)

Na visão da autora, a educação deve romper os paradigmas da divisão social do trabalho criado pelo modelo capitalista, e que muitas vezes se reproduz no próprio modelo educacional formando, através do qual se forma profissionais para o exercício intelectual e para funções manuais. Essa concepção ultrapassada de modelo de educação alimenta a exploração mão de obra da grande classe trabalhadora, uma vez que, uma grande maioria das pessoas tem acesso a um modelo de educação fragmentado, focada em uma formação específica que na prática destina-se a alimentar o exército de mais-valia do sistema capitalista.

Nesse aspecto, Ramos defende a oferta de uma educação que traga consigo, além da formação técnico-científica, a concepção de formação humana, de modo que integre de todas as dimensões da vida no processo educativo, objetivando a formação omnilateral dos sujeitos, capacitando-os a protagonizar de maneira ativa em todos as dimensões, contemplando nisso, os aspectos pessoais, profissionais e sociais.

Para tanto é preciso assumir o compromisso de se ofertar uma educação que favoreça a formação humana integral do estudante, e sobretudo, entender os objetivos e os desafios no processo de ensino e aprendizagem. Nesse raciocínio, Frigotto e Ciavatta (2012), evidenciam que

A tarefa do desenvolvimento humano omnilateral e dos processos educativos que a ele se articulam direciona-se num sentido antagônico ao ideário neoliberal. O desafio é, pois, a partir das desigualdades que são dadas pela realidade social, desenvolver processos pedagógicos que garantam, ao final do processo educativo, o acesso efetivamente democrático ao conhecimento na sua mais elevada universalidade. (FRIGOTTO; CIAVATTA, 2012, p. 270-271)



Interdisciplinaridade e engajamento social

*“Nossas vidas começam a terminar no dia em que permanecemos em silêncio sobre as coisas que importam.”
(Martin Luther King)*

É a partir da dialogicidade entre as diferentes áreas do conhecimento que se torna possível a realização de práticas de ensino e aprendizagem mais significativas na vida do estudante. As práticas pedagógicas interdisciplinares podem ser entendidas como meio de aprofundamento integrado da realidade social do estudante e das demandas sociais. Assim, a interdisciplinaridade torna-se fator fundamental e indispensável quando se busca ofertar uma educação crítico-reflexiva de caráter humano integral.

Dentro do contexto de formação integral, os temas que circundam a vida e o dia a dia dos estudantes, ou chamados transversais, são importantes para a concretização dessa proposta de ensino. Nisso, as questões de caráter social, como as relações trabalho, diversidade de gênero e direitos humanos devem estar em constante abordagem nas práticas de ensino e aprendizagem.

Assim, é papel da escola através do seu currículo e por meio das disciplinas ofertadas, incluir em sua prática temas de suma relevância para a formação integral do estudante. Para tanto faz-se necessário que seja repensado a prática docente, a qual muitas vezes exclui do planejamento didático a proposta de formação social e humanística do estudante, reforçando por consequência as desigualdades criadas e alimentadas pelo sistema capitalista que rege a sociedade brasileira da sua concepção.

Na perspectiva de uma educação humana integral que priorize o ensino como meio de aquisição do conhecimento a partir da compreensão da realidade social e dos problemas inerentes a ela, as práticas interdisciplinares se configuraram como importante ferramenta integradora de saberes. Sobre essa percepção, os Parâmetros Curriculares Nacionais instituem acerca da interdisciplinaridade:

A interdisciplinaridade supõe um eixo integrador, que pode ser o objeto de conhecimento, um projeto de investigação, um plano de intervenção. Nesse sentido, ela deve partir da necessidade sentida pelas escolas, professores e alunos de explicar, compreender, intervir, mudar, prever, algo que desafia uma disciplina isolada e atrai a atenção de mais de um olhar, talvez vários (BRASIL, 2002, p. 88-89)



Entende-se, portanto, que, é a partir da realidade vivenciada pelos atores do processo de ensino e aprendizagem que nasce a necessidade de se desenvolver as práticas educativas interdisciplinares que integrem as diferentes áreas do saber a fim de se entender determinados fenômenos e se aprofundar em determinados conhecimentos essenciais à prática cidadã. A título dos problemas e demandas sociais, como as questões de gênero-raciais, a interdisciplinaridade escolar torna-se o eixo central do fazer pedagógico das diferentes disciplinas na busca de uma formação de caráter integral, uma vez que, através da integração e contribuição interdisciplinar, multiplica-se as possibilidades de se entender, explicar e intervir na realidade social.

Entretanto, para que haja interdisciplinaridade é preciso que existam disciplinas envolvidas no processo de integração do conhecimento. Cada componente curricular assume dentro dessa proposta papel fundamental, pois é a partir da colaboração entre os pares envolvidos que se constrói a possibilidade de se ampliar e aprofundar os conhecimentos. Acerca do valor das disciplinas nas práticas interdisciplinares, Santomé (1998) enfatiza que

De toda forma, convém não esquecer que, para que haja interdisciplinaridade, é preciso que haja disciplinas. As propostas interdisciplinares surgem e desenvolvem-se apoiando-se nas disciplinas; a própria riqueza da interdisciplinaridade depende do grau de desenvolvimento atingido pelas disciplinas e estas, por sua vez, serão afetadas positivamente pelos seus contatos e colaborações interdisciplinares. (SANTOMÉ, 1998, p. 61)

Percebe-se então, que, as práticas interdisciplinares são instrumentos de valorização disciplinar e de ampliação de conhecimentos no âmbito escolar. Faz-se necessário, entretanto, entender a interdisciplinaridade como uma prática constante, e não esporádica, do fazer pedagógico, sendo meio de geração de significação e não fragmentação do conhecimento. É preciso ainda, entender que trabalhar em consonância e parceria com outras disciplinas e profissionais de outras áreas não diminui a importância que cada disciplina, pelo contrário, potencializa sua eficácia de contribuição para uma formação integral.

Assim, com base nos fundamentos dos Parâmetros Curriculares Nacionais, deve-se entender dentro da perspectiva escolar que



[...] a interdisciplinaridade não tem a pretensão de criar novas disciplinas ou saberes, mas de utilizar os conhecimentos de várias disciplinas para resolver um problema concreto ou compreender um fenômeno sob diferentes pontos de vista. Em suma, a interdisciplinaridade tem uma função instrumental. Trata-se de recorrer a um saber útil e utilizável para responder às questões e aos problemas sociais contemporâneos. (BRASIL, 2002, p. 34-36)

Corroborando com o pensamento, Fazenda (2008, p. 21) ressalta que “na interdisciplinaridade escolar, as noções, finalidades, habilidades e técnicas visam favorecer, sobretudo o processo de aprendizagem, respeitando os saberes dos alunos e sua integração”. A autora adverte ainda que a “interdisciplinaridade é uma nova atitude ante a questão do conhecimento, de abertura para compreensão de aspectos ocultos do ato de aprender, exigindo uma profunda imersão no trabalho cotidiano e na prática” (FAZENDA, 2003, p. 9).

Nisso, fica evidente que as práticas pedagógicas interdisciplinares não são lâminas que podam os saberes das disciplinas, mas são extensões que favorecem a complementação de saberes entre as disciplinas envolvidas. Nesse contexto, nenhuma disciplina assume papel de coadjuvante, todas são protagonistas do processo, contribuindo com sua ciência e/ou saber particular para a construção de uma formação integral que possibilite o estudante experienciar de maneira crítico-reflexiva sua vivência social.

Dada a sua importância no processo de formação humana, é preciso romper as barreiras e superar as dificuldades que se opõem a realização de práticas docentes interdisciplinares. O uso de práticas educativas interdisciplinares enriquece o processo de ensino-aprendizagem, sendo um importante meio para a compreensão de um mundo mais plural, em outras palavras, são essenciais para a consolidação de uma formação humana integral. Essa compreensão é reforçada por Klein (2001), a qual ratifica as ideias defendidas acerca da interdisciplinaridade, e que a define como:

[...] processo que envolve a integração e o engajamento de educadores, num trabalho conjunto e de interação das disciplinas do currículo escolar entre si e a realidade, de modo a superar a fragmentação do ensino, objetivando a formação integral dos alunos, a fim de que possam exercer criticamente a cidadania mediante uma visão global de mundo e serem capazes de enfrentar os problemas complexos, amplos em globais da realidade atual. (KLEIN, 2001, p. 110)



Portanto, deve-se entender a importância das práticas interdisciplinares no fazer pedagógico, pois além de objetivarem a não fragmentação do ensino, as mesmas favorecem a formação integral dos estudantes. Além disso, as práticas interdisciplinares são uma necessidade de respostas às demandas sociais vigentes, e é papel da escola, abordar, problematizar e explicar tais fenômenos da realidade. Assim, a partir da integração entre as diferentes áreas do conhecimento propiciar o desenvolvimento de um contexto de ensino e aprendizagem crítico-reflexivo que contribua para um aprofundamento de visão de mundo do estudante, levando-o assim, a conhecer, compreender e intervir sobre os mais diferentes problemas e demandas constituintes da sua realidade social.



A poesia como ferramenta de denúncia social

“A força da alienação vem dessa fragilidade dos indivíduos, quando apenas conseguem identificar o que os separa e não o que os une.” (Milton Santos)

Louis Hjelmslev, linguista francês, ao se referir sobre a linguagem a conceitua de maneira sucinta e precisa em três palavras: ferramenta, espelho, lugar. Através dessa definição e de seu desdobramento e compreensão é possível entender o papel fundamental que a linguagem ocupa nas relações humanas. Depreende-se, que, a linguagem é ferramenta por se configurar como meio de comunicação e interação humana; torna-se espelho pelo fato de refletir o ser humano nas mais diferentes relações sociais; lugar porque traduz o sujeito no meio físico no qual está inserido.

A partir da concepção do linguista, percebe-se o qual essencial é a linguagem para todo e qualquer ser humano, pois é através dela que os mesmos enquanto sujeitos sociais interagem entre si, expressam suas ideias e representam o meio onde vivem. Nesse contexto, o homem por meio da linguagem assume simultaneamente o papel de construir e desconstruir pensamentos, influenciado e influenciador de comportamentos nas mais diversas relações sociais.

Dentro dessas relações sociais, a língua, nas suas formas oral e escrita, apresenta-se como principal forma de sistematização da linguagem humana. É por meio da língua que seus usuários registram sua história e efetivam sua participação social. Segundo os Parâmetros curriculares Nacionais a língua pode ser compreendida a partir da seguinte ideia:

[...] a língua é um sistema de signos histórico e social que possibilita ao homem significar o mundo e a realidade. Assim, aprendê-la é aprender não só as palavras, mas também os seus significados culturais e, com eles, os modos pelos quais as pessoas do seu meio social entendem e interpretam a realidade e a si mesmas. (BRASIL, 1997, pag. 22)

Evidencia-se aqui a função social da língua, ou seja, ser meio de expressão de pensamentos, compreensão do mundo e explicação da realidade de seus usuários. Nessa perspectiva, o conceito de ensino e aprendizagem da língua vai além da simples decodificação de signos linguísticos



sequenciados, devendo seu ensino propiciar uma aprendizagem que transpasse a leitura de livros e possibilite a leitura de crítico-reflexiva de mundo.

É a partir da proposta de uma escrita engajada com a realidade social de cada época, que a literatura cumpre o importante papel de estimular a reflexão sobre os mais diversos contextos sociais. Essa proposta reflexiva pessoal e social faz com que a literatura cumpra a função de humanização, a respeito da qual, Cândido (2004) reitera:

Entendo aqui por humanização [...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a cota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (CÂNDIDO, 2004, p.180)

Segundo Antônio Candido, a literatura, através de sua produção em diferentes gêneros, produz humanização, uma vez que, a leitura reflexiva de temas e problemas sociais leva o leitor a tornar-se mais compreensivo em relação à complexidade do mundo, assim como, mais sensível em relação à condição de seu semelhante. Dentre os gêneros literários com expoente poder crítico-reflexivo, está a poesia, caracterizada por Bosi (2003) na citação a seguir:

[...] a poesia tende a amarrar duas vertentes; a vertente da poesia como expressão (o caráter expressivo, existencial da linguagem) e a vertente dialética, que procura mostrar como a poesia traz uma voz original, muitas vezes estranha, mas de todo modo resistente à ideologia dominante. (BOSI, 2003, s/p.)

Na concepção do autor, a poesia enquanto gênero literário, além de ser um instrumento de manifestação existencial e do eu, a mesma cumpre o papel de expressão do coletivo. Essa função social eleva a poesia ao patamar de importante gênero de crítica e denúncia social, tornando-se meio e voz de resistência contra as ideologias excludentes que marginalizam os grupos menos favorecidos.



Como instrumento de expressão do eu, a poesia social surge a partir do sentimento de inquietação e/ou indignação do autor diante de situações de preconceito, exclusão e exploração social, temas estes que se tornam a principal inspiração e dão voz ao eu lírico. Essa visão de mundo que o autor empresta ao eu lírico é ilustrada por Koch e Elias (2017), comparando a poesia a outro gênero não literário.

[...] na poesia predomina a expressão dos sentimentos do sujeito, sujeito esse que fala de si e dá vazão a emoções, constituindo-se, preponderantemente, na primeira pessoa; por sua vez, no artigo de opinião, veiculado em revistas ou jornais, geralmente consta de acontecimentos de ordem política, econômica, social, histórica ou cultural, e raramente sobre acontecimentos ou vivências pessoais. (KOCH; ELIAS, 2017, p. 110)

Evidencia-se aqui a diferencial dos gêneros literários, com destaque para a poesia, que mesmo com toda sua subjetividade, consegue descrever, problematizar e criticar a realidade social de maneira pontual. Diferentemente de outros gêneros, como o artigo de opinião, por exemplo, a poesia vai além do trato generalizado de acontecimentos sociais, a mesma se encarrega de mergulhar no universo dos indivíduos envolvidos nesses acontecimentos, explicitando a realidade vivida por cada protagonista dentro desse contexto.

Nisso, percebe-se o valor da poesia engajada às demandas sociais e a importância de estimular no âmbito educacional atividades que trabalhem esse gênero. Muito mais que ficção ou subjetividade egocêntrica, a poesia pode ser uma ferramenta de aquisição de conhecimento e compreensão da realidade pessoal e social, o que contribui para a formação humana integral do estudante. Sobre a riqueza de conhecimento contida na poesia, Paz (1984) detalha que

A poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de transformar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual, é um método de libertação interior. A poesia revela este mundo; cria outro. [...] Expressão histórica de raças, nações, classes. Nega a história: em seu seio resolvem-se todos os conflitos objetivos e o homem adquire, afinal, a consciência de ser algo mais que passagem. (PAZ; 1984, p. 15)



Em síntese, nas palavras de Paz, a poesia tem o poder de libertar, revolucionar e transformar o mundo. É libertadora porque possibilita a reflexão e a consequente ruptura da alienação social; revolucionária por ser porta-voz de ideias críticas que gera mudança de pensamentos; é transformadora, uma vez que, sua reflexão gera mudança nas pessoas, que por sua vez, transformam o meio social no qual estão inseridas. Assim, a poesia social torna-se a voz de resistência e o grito de independência de classes, gêneros e raças historicamente calados e marginalizados, mas que nunca desistiram de lutar por reconhecimento, respeito e equidade social.

Exemplo vivo dessa poesia social, é o poema “Vozes-Mulheres” da escritora Conceição Evaristo, o qual sintetiza através de seus versos a representação das vozes de luta e resistência de cinco gerações de mulheres negras. Nos versos em questão, a voz do eu lírico proclama:

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.

A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue e fome.



A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.

O evidenciado poema é a materialização da voz da mulher negra por meio de uma escrita engajada que cumpre o duplo papel de expressão e denúncia social. Através dele, Conceição Evaristo explicita a importância de se explorar as potencialidades da língua e sua função social. Nesse sentido, o ensino crítico-reflexivo da língua, a exemplo da poesia social como ferramenta de expressão pessoal e denúncia social, propicia um contexto de educação significativa na vida do estudante.

É por meio dessa educação integral, na qual os estudantes sejam realmente protagonistas de sua realidade e tenham voz ativa na participação social, que as diferentes desigualdades sociais entrarão em decadência. Para tanto, é necessário se repensar o processo de formação, trilando os caminhos de uma formação omnilateral que emancipe o estudante para sua ampla e plena atuação no contexto social.

Em acordo e corroborando com o exposto, Coelho (2009), reforça sobre o papel da escola no desenvolvimento de um processo de ensino e aprendizagem que favoreça a formação humana integral do estudante, endossando que

O que justifica, dá vida e sentido à escola, à relação pedagógica, ao trabalho de docentes e discentes, são o processo de formação humana que aí se realiza e a relação de professores e estudantes com a cultura, com o pensamento, com o saber vivo, instigante e que a cada momento se produz, se interroga e se recria. (COELHO, 2009, p. 16)



Portanto, é papel da escola, por meio da sistematização de um currículo integral e interdisciplinar, buscar desenvolver um processo de ensino valorize a realidade pessoal e social do estudante, gerando assim, uma aprendizagem significativa em sua vida. Só assim, através do comprometimento e engajamento da educação em incluir e discutir em sua prática pedagógica, problemas e demandas vigentes, que a realidade de desigualdades sociais será superada.

É preciso, pois, que haja um ensino engajado e comprometido com as causas sociais, entre elas as de gênero e raça, assumindo um caráter de denúncia social, não podendo se conformar e/ou se resumir à passividade de transmissão de conteúdos sistemáticos alheios à realidade. Por fim, é preciso dar voz aos atores envolvidos no contexto da Educação Profissional e Tecnológica, estimulando a reflexão e a criticidade, contribuindo assim, para uma formação humana integral de caráter omnilateral.

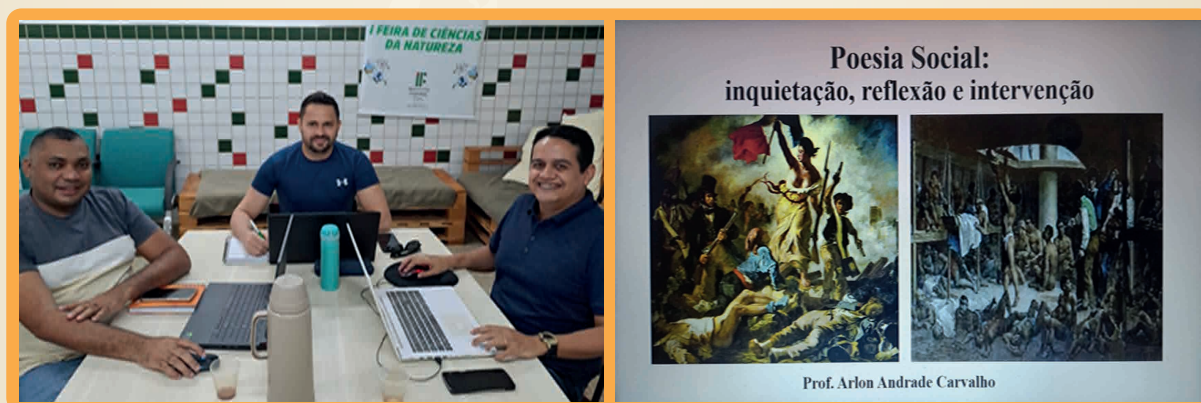
Inquietação, reflexão e produção

“Não aceito mais as coisas que não posso mudar, estou mudando as coisas que não posso aceitar. (Ângela Davis)”

Esta seção destina-se à descrição do processo de desenvolvimento desse produto educacional, a saber, a realização de oficinas interdisciplinares sobre a condição histórico-social da mulher negra. Embasando-se no referencial anteriormente apresentado, o trabalho de construção do produto educacional desenvolveu-se em quatro etapas, as quais estão intimamente ligadas à necessidade de atender e cumprir como os objetivos previamente estabelecidos ao longo da pesquisa.

Assim, após uma análise detalhada do objeto de estudo e da problemática que o circunda, fez-se necessários desenvolver uma sequência de atividades com vista a concretização dos resultados. Nesse sentido, decidiu-se pela realização de oficinas interdisciplinares, entre as disciplinas de Língua Portuguesa, História e Geografia, as quais serviriam para fomentar o debate crítico-reflexivo e a produção textual dos estudantes.

Figura 1: Planejamento interdisciplinar das oficinas



Fonte: o autor

Alinhadas todas as propostas entre as disciplinas envolvidas, fora sistematizada a metodologia de aplicação das oficinas e suas respectivas atividades. Nesse sentido, no decorrer da construção do produto educacional foram realizadas oficinas, as quais geram de maneira cronológica as seguintes atividades e/ou ações:

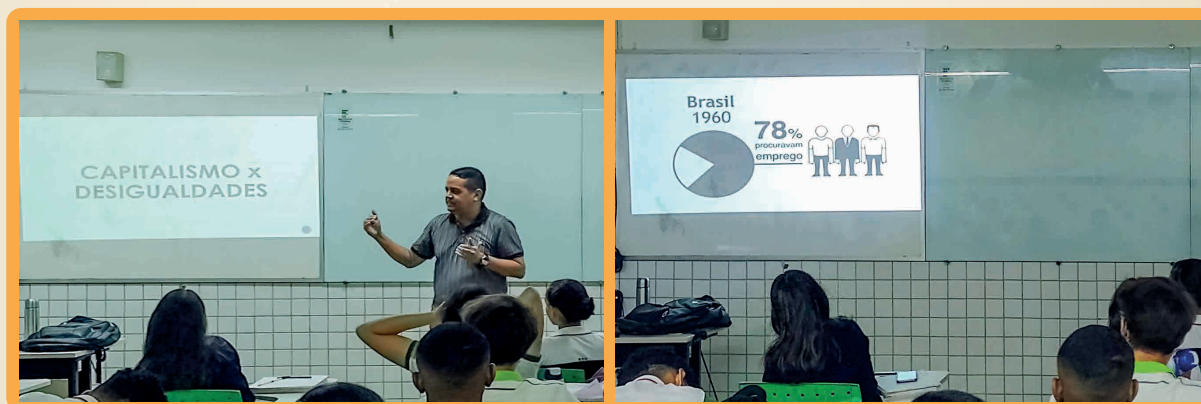
- a) apresentação geográfica sobre as desigualdades de gênero e raça;
- b) análise histórica do protagonismo da mulher negra na sociedade;

- c) produção de poemas sobre a mulher negra no contexto social;
- d) socialização dos poemas produzidos pelos estudantes participantes.

A primeira atividade a ser realizada teve como foco a apresentação da condição da mulher negra, nas diferentes relações social a partir da análise do contexto geográfico. A referida prática foi conduzida pelo professor da disciplina de Geografia, o qual apresentou um panorama socioeconômico da condição da mulher negra na sociedade brasileira, visando fomentar o conhecimento e a criticidade dos estudantes a respeito do tema.

O foco principal dessa oficina foi a apresentação das desigualdades socioespaciais de gênero e raça com enfoque na condição da mulher, possibilitando a compreensão dos avanços e/ou retrocessos da mesma na sociedade. Para abordar a problemática, o professor participante apresentou uma contextualização histórica do desenvolvimento do sistema capitalista, bem como o detalhamento do sistema de produção capitalista moderno e a exploração da trabalhista gerada por ele.

Figura 2: Capitalismo e desigualdades sociais



Fonte: o autor

A partir dessa contextualização, o ministrante prosseguiu o trabalho com a apresentação de dados a partir de infográficos que explicitam a discrepante desigualdade de gênero e raça nos diferentes cenários sociais, entre eles, a educação, saúde, trabalho e segurança. A prática serviu para instigar a interação e discussão entre os estudantes participantes, os quais puderam expor suas impressões sobre a problemática das desigualdades gênero-racial, bem como as causas da sua ocorrência na sociedade.

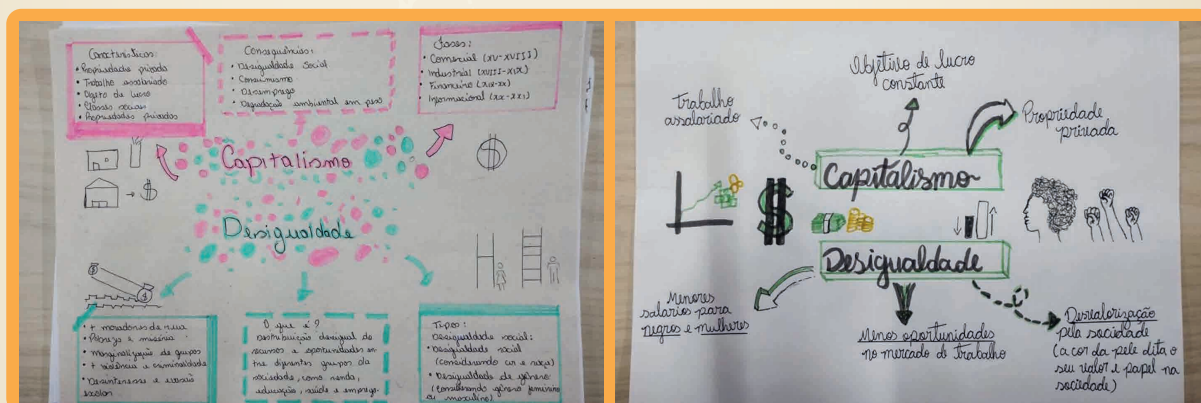
Figura 3: Discussão sobre desigualdade gênero-racial



Fonte: o autor

Logo após os momentos de exposição e discussão, o professor sugeriu à turma como atividade prática, a realização de um mapa mental sobre o tema trabalhado. Sobre a atividade, o professor orientou os estudantes que construíssem o mapa linkando o sistema capitalista aos problemas de desigualdade de gênero e raça. Segundo o professor a atividade deveria servir para aguçar o senso crítico dos alunos e materializar as ideias discutidas ao longo do trabalho.

Figura 4: Mapas mentais sobre desigualdades sociais



Fonte: o autor

Na segunda momento de construção do produto também foi realizado no formato de oficina, ocorreu sob liderança do professor da disciplina de História. Nessa oportunidade, o ministrante abordou o protagonismo da mulher negra na sociedade brasileira, realizando uma análise crítico-reflexiva com os estudantes sobre a condição de invisibilidade da mulher negra nas relações sociais.

Durante sua fala, o professor contextualizou a história da mulher, com ênfase na mulher negra, explicitando sua relação de invisibilidade com as questões de gênero e raça. De maneira didática, através de projeções imagéticas, o ministrante abordou os fatores que inibiram a participação social da mulher negra ao longo da história na sociedade brasileira.

Figura 5: Exposição sobre o protagonismo da mulher negra

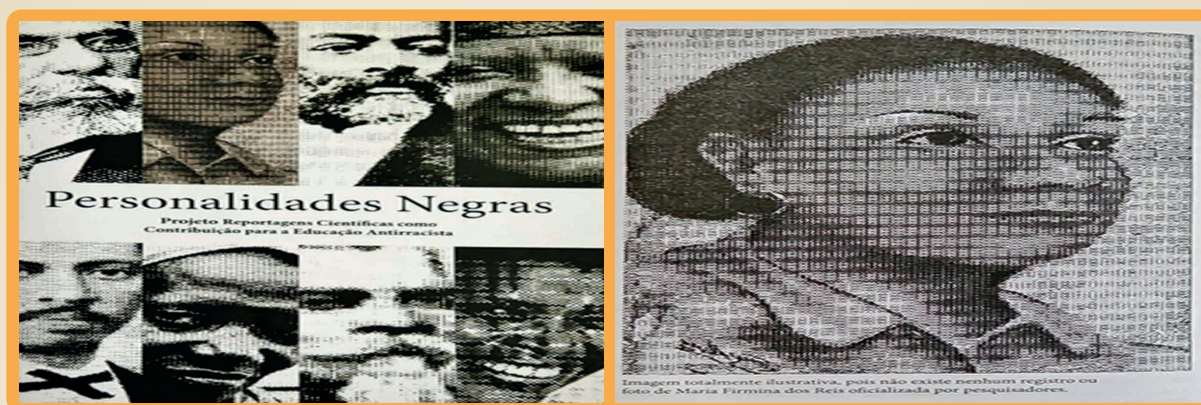


Fonte: o autor

Após sua apresentação teórica, o ministrante exibiu para os participantes um podcast sobre a histórias de mulheres negras e seu protagonismo social. Feita a exibição, foi aberto o espaço para que os estudantes pudessem expor suas impressões e compartilhar também histórias de outras mulheres negras conhecidas por eles. Nessa oportunidade, discutiu-se a participação da mulher negra no mercado de trabalho, partindo das condições de acesso, permanência e desafios.

Para finalizar os trabalhos, o professor colaborador propôs uma atividade prática com os estudantes participantes, na qual foram apresentadas personalidades negras. A pratica consistiu na exibição de fotografias de mulheres negras contendo um QR Code onde os alunos através das câmeras de seus celulares acessaram informações sobre suas trajetórias de vida e protagonismo social. Partindo da leitura de vida das protagonistas negras, concluiu-se os trabalhos com as percepções dos estudantes sobre o protagonismo da mulher negra nas diferentes práticas sociais.

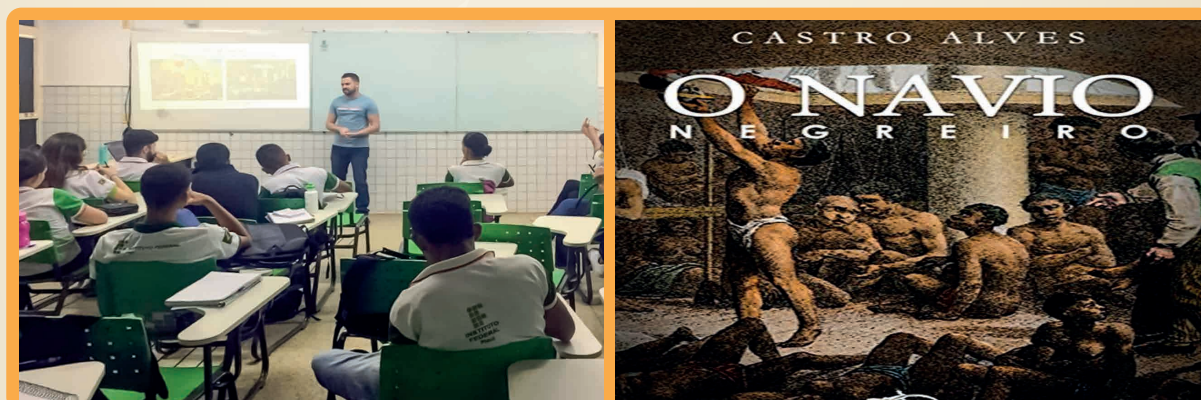
Figura 6: Apresentação de personalidades negras



Fonte: o autor

A terceira etapa de execução das ações de desenvolvimento do PE foi voltada para o processo de produção escrita de texto do gênero poesia com foco na problemática sugerida e discutida nas etapas anteriores. Sob a responsabilidade do professor de Língua Portuguesa, realizou-se nessa fase, uma oficina sobre poesia social e sua importância como ferramenta de denúncia social. Assim, como forma de se entender a importância da poesia social, apresentou-se o contexto histórico que propiciou o seu surgimento, suas características literárias e seus principais representantes.

Figura 7: Apresentação teórica sobre poesia social



Fonte: o autor

Após a explanação teórica do ministrante sobre o tema foi proposto aos estudantes participantes a leitura de poemas sobre diferentes problemáticas sociais, entre elas as questões gênero-raciais, propiciando um contato mais próximo com o gênero trabalhado. Além de poemas sociais de autor consagrados, o ministrante apresentou a título de exemplo e incentivo, textos de sua autoria, como o poema “Lugar de fala”, apresentado a seguir.



Qual o seu lugar de fala?
perguntaram-me certa vez.
Mas essa pergunta talvez,
seja importante se repensar.

A cor da minha pele
não determina meu caráter.
Meu gênero não dita
quais lutas devo fazer parte.

Se me calo diante da injustiça,
meu lugar de fala exposto está.
Se não aceito e me oponho,
por que vens me questionar?

Meu lugar é em qualquer lugar
que necessite me posicionar.
Não importa o gênero ou a cor,
discriminação não vou tolerar.

Mais importante que o lugar,
é ter e consciências formar.
Pois é não calando a voz
que outras vidas podemos mudar.

Esse é meu lugar de fala,
pois exclusão não vou aceitar.
E já que iniciou esse debate,
seu lugar de fala, podes falar?

O ministrante compartilhou com os participantes da oficina o contexto que o inspirou a escrever os versos do poema em questão. Em sua fala, o professor explica que a inspiração para a escrita surgiu a partir das frequentes indagações feitas, inclusive por outros professores, sobre o lugar de fala do pesquisador ao discutir questões gênero-raciais. Além de servir de modelo para a escrita da poesia engada, os versos serviram para despertar e incentivar os estudantes a usarem sua escrita forma de materializar suas vozes.

Realizadas as leituras, fora aberta uma roda de discussão para se apresentar as impressões e curiosidades sobre os poemas lidos, na oportunidade foi realizada a leitura coletiva, e todos puderam se posicionar sobre as temáticas, estruturas e autores dos poemas.

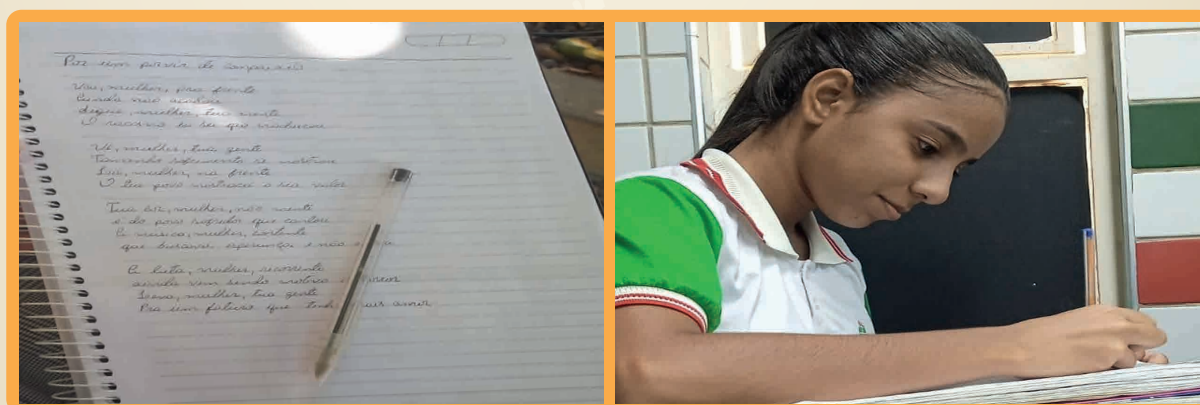
Figura 8: Impressões sobre a poesia social



Fonte: o autor

Cumprida a apresentação teórica, contato físico e discussões sobre a poesia social, bem como a abertura de um espaço de tira-dúvidas, foi o momento de dar voz aos protagonistas desse trabalho. Fomentados pelas discussões das oficinas anteriores e experiências de vida, os participantes enveredaram-se pelo universo da escrita da poesia social. Assim, os estudantes puderam a partir de suas percepções e impressões, usar a língua escrita como ferramenta de denúncia social, valendo-se para isso do gênero poesia para escrever poemas de cunho social sobre a condição da mulher negra.

Figura 9: Produção de poemas sobre a mulher negra



Fonte: o autor

Nessa fase, os principais protagonistas foram os estudantes da 3ª série do curso Técnico em Administração Integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal do Piauí – Campus São João do Piauí, os quais tiveram voz ativa e participaram de forma direta da materialização do produto. Para tanto, os estudantes envolvidos fizeram uso dos conhecimentos linguísticos e literários adquiridos ao longo da sua formação escolar para construírem textos (poemas) que compõem uma antologia poética, apresentada em um capítulo especial desse produto educacional, materializando e assim, suas vozes de indignação e resistência social.

A quarta e última etapa do processo de construção desse trabalho, foi a socialização dos poemas escritos pelos estudantes e a confraternização entre os participantes, momento este, intitulado de “Café com poesia”. O objetivo principal desse momento foi realização da exposição dos poemas escritos pelos estudantes participantes, os quais puderam declamar seus poemas e falar sobre seu processo de inspiração e criação.

Figura 10: Socialização dos poemas sobre a mulher negra



Fonte: o autor

A vez e a voz da resistência

A nossa escrevivência não pode ser lida como história de ninar os da casa-grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos." (Conceição Evaristo)

Esta seção destina-se a apresentação dos 24 poemas produzidos pelos estudantes participantes da pesquisa. Nesse espaço, a voz dos participantes é materializada através de uma escrita engajada de cunho social que tematiza a mulher negra nos mais diferentes contextos de sua realidade. Essa antologia poética é fruto dos conhecimentos e da percepção de mundo dos estudantes, sendo fomentadas e estimuladas a partir das discussões realizadas das oficinas desenvolvidas ao longo da construção desse produto. Assim, essa compilação poética tem por objetivo, contribuir com a formação humana integral de seus protagonistas, professores e estudantes, bem como transmitir uma mensagem poética crítico-reflexiva sobre as questões gênero-raciais àqueles que vierem a ter acesso à leitura dos versos nela registrados.

Preta

Por muitos desprezada
Riscada da sociedade
Etnia rebaixada
Traída, sem igualdade
Até hoje injustiçada

Nota da autora: Nesse poema em forma de acróstico, utilizei as letras da palavra “preta” para descrever um pouco o que as mulheres negras sofrem hoje, enfatizando o quão injusto é.

Keury de Sousa Barbosa



Liberdade de ser eu

Djamila disse, com coragem
“Quero ter a liberdade de ser eu”
Como pode a sociedade
Ter coragem de tirar
O prazer, a felicidade
De escolher o que fazer
Todo dia tem maltratado e humilhado
Por simplesmente escolher e decidir continuar a viver.

Nota do autor: A escrita do poema “Liberdade de ser eu” inspira-se a fala da ativista Djamila Ribeiro, “quero ter a liberdade de ser eu”, onde a mesma pronuncia sua revolta por ser abusada pela sociedade apenas por ser mulher negra, apenas por ser ela mesma.

Leonardo Vieira dos Santos



Ei, Negra

Ei, Negra
Tu que sempre foi calada
Que sofreu, foi maltratada
tu que nunca desistiu
E continuou a escalada
Pouco a pouco é escutada
E essa luta que não acaba
Vai ser tua conquista
Vais ganhar pois é guerreira
Vais calar quem te calou
E quando o mundo perceber
Verá que a luta acabou
E no fim, negra ganhou.

Nota da autora: O poema se trata de uma motivação para a mulheres negras e eu quis, por meio dele, expressar esperança por um futuro onde a mulher negra vence a luta por um lugar na sociedade.

Keury de Sousa Barbosa



Solidão e reflexão

Nas margens do silêncio, a mulher negra se faz notar,
Um momento de calma, um tempo a meditar.
Refletindo sobre a vida, em busca de seu lugar,
Sua alma mergulha fundo, no vazio a navegar.

As sombras da solidude a envolvem com ternura,
Nesse retiro solitário, encontra sua aventura.
Na solidão encontra respostas, a verdade a clarear,
Em pensamentos profundos, seu ser a revelar.

Nas horas silenciosas, encontra força interior,
Na reflexão solitária, desabrocha com fervor.
Solidão é uma aliada, a faz crescer e amar,
Aprendendo a compreender, sua vida e desvendar.

Nota do autor: A inspiração para esse poema veio da ideia de que a solidão pode ser um espaço onde encontramos força, autenticidade e até mesmo amor próprio. É um convite para abraçar a tranquilidade da solidão e permitir que a reflexão nos guie em direção ao autoconhecimento e ao entendimento mãos profundo da vida.

Marco Túlio Tavares Maia





Mulher Guerreira, Mulher Negra

Correndo dos perigos claros,
Sorrindo e fingindo que tudo vai bem
Vivendo e se escondendo,
Lutando pra ser livre

Mulher guerreira, mulher negra
Que por culpa do passado é ferida
Mulher guerreira, mulher negra
Mulher que sabe viver a vida

Ser livre, ser feliz, ser mulher
Não ficar atrás de sua cor, seu cabelo
Sorrir, dançar, cantar

Ter direitos, voz e lugar.
Mulher guerreira, mulher negra
Mulher que luta por seu povo
Mulher guerreira, mulher negra
Sua força trará algo novo

Nota da autora: Com esse poema procurei enfatizar a força da mulher, principalmente da mulher negra que sofre ainda mais por ter uma cor diferente.

Keury de Sousa Barbosa



Nunca aceita

Nascer, mulher, mulher negra,
A infância, triste
Na escola, racismo, preconceito, angustia, dor
Nunca aceita, será a cor?

Cresceu, agora o sofrimento
No trabalho, se houver o trabalho, o racismo,
Preconceito, angústia, dor
Nunca aceita, será a cor?

Em casa, às vezes, o conforto
Com a família, o acolhimento, o abraço
Mas no quarto, o choro, sentiu novamente, a dor.
Será mesmo assim? Nunca aceita, a mulher negra, por causa da sua cor?

Um dia morrerei, e quero um dia retornar
Será que nossa dor, um dia acabará?
E um dia ficarei sem essa dor?
Nunca saberei, porque não fui aceita, era minha cor.

Nota da autora: O poema “Nunca aceita” fala sobre o quão a mulher negra ao longo da sua vida devido a sua cor. Fala sobre o acolhimento da família que às vezes faz falta na vida de uma pessoa que passa por isso diariamente. Os versos fazem uma crítica reflexiva sobre o porquê da mulher negra não ser aceita em diversos espaços sociais, como na escola, trabalho, mídia, universidades, entre outros.

Emily dos Santos Vieira



Vai, Mulher

Vai, mulher, pra frente
Ainda não acabou.
Segue, mulher, tua mente
O racismo eu sei que machucou

Vê, mulher, tua gente
Tamanho sofrimento se mostrou
Lá, mulher, na frente
O teu povo mostrará o seu valor

Tua cor, mulher, não mente
É do povo sofredor que cantou
A música, mulher, contente
Que buscava esperança e não achou.

A luta, mulher, recorrente
Ainda vem sendo motivo de horror. Leva, mulher, tua gente
Pra um futuro que tenha mais amor.

Nota da autora: Com o poema busquei incentivar as mulheres negras a não desistirem de lutar por si e por seu povo, pois acredito que no futuro terão mais paz com relação a sua cor.

Keury de Sousa Barbosa



Negra mulher

Negra mulher
Não era de se submeter
Com seu grande poder
Não era de se conter

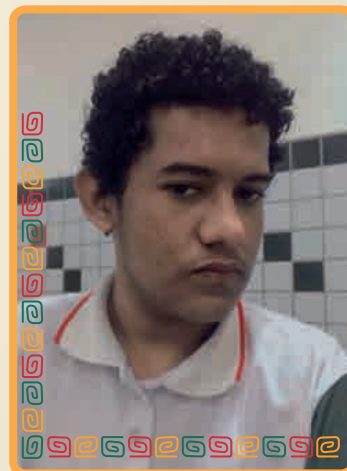
O declínio chegou
Sua liberdade deixou
Útero de procria herdou
Enquanto sua cor desfiou

Após o fim
As margens de tudo ficou
Então seu destino afunilou

Negra mulher
Que faz o passado ater
Para sua
Cor enaltecer

Nota do autor: Inspirado na trajetória da mulher negra na história, uma vez retrata os momentos de glória da mulher negra e os seus momentos de fraqueza. O poema foi construído de forma que cada estrofe conte um período da sua trajetória e de sequência cronológica: Antes da escravidão, durante a escravidão, pós escravidão e contemporaneidade.

Pedro Henrique Pereira dos Santos





Tornar-se estrela

"Ora (dizeis) ouvir estrelas! Certo,
Estás à imaginar coisas" Mas, no entanto,
Digo-lhe que foi graças à elas
que entendi minha história.

E conversamos toda a noite,
Sob o escuro galáctico
Elas me contam de sua vinda para
Este país, da forma que lhe tiraram
Sua cultura, sua família, sua história.

Dizeis agora: "Tresloucada amiga!
Como entendes o que dizem?"
Ah, vos direi, não sabes o quanto
Absorvo de suas sabedorias
Contam-me de seus senhores,
Dos sons do chicote, dos soluços de
Choro de seus filhos e do rastejar
Dos anos nessa tortura.

"Oh, que narrativas sofridas
Como ainda conseguem brilhar tanto?"
Digo-lhe, querida, é a tal resiliência
Essa surgida lá nos tempos de escravidão,
Mas que deve recair sobre nós.

Gostam de me contar de suas danças,
Suas roupas, seus deuses,
De como, escondidos, ainda sentiam
O gostinho de casa.



E, ao último vislumbre de
seus brilhos, contam-me
De Dandara, de Esperança Garcia,
De Marielle e de Carolina.

E, ao vir do sol, dizem-me:
"Persista para viver, pois só
Quem luta tem alma para
Ouvir e tornar-se estrela."

Nota da autora: Nesse poema, utilizei de inspiração um poema parnasiano de Olavo Bilac, "Ouvir Estrelas". Optei por uma intertextualidade para mostrar que, apesar do hiato temporal e literário, existe uma verossimilhança em determinados contextos. O poema de Olavo, tem uma finalidade voltada mais por questões de admiração nas estrelas e, assim, usei disso para redirecionar o significado dessas estrelas. No poema "Tornar-se estrelas", usei do conceito clássico das estrelas, mas com um toque de religiosidade, ao atribuir elas às mulheres negras que nunca desistiram de lutar. O eu lírico é uma mulher que, no decorrer do texto, conta à uma amiga que conversa com tais estrelas e os ensinamentos adquiridos nessas conversas.

Lara Gabryelle Ferreira Moura



Me perdoa, Negra

Como podem, negra, teu passado apagar
Ao ponto de procurar tua história e não achar
Como podem o teu nome e tua família tomar
E depois simplesmente mandar recomeçar?

Me perdoa, linda preta, por tudo que passou
Me perdoa por tudo que ficou
Me perdoa pelo branco que te acorrentou
Me perdoa pela paz que meu povo te tomou.

Hoje mesmo que buscar dificilmente vai achar
O nome, o país para homenagear
Foi arrancada, arrastada, deixou a história lá
E hoje não consegue o passado enxergar.

Grandes reis, grandes mulheres
Crianças e moleques
Esquecidos, apagados
Encobertos no passado.

Nota da autora: O poema foi feito para retratar a revolta da mulher negra por terem apagado toda a história das pessoas escravizadas.

Keury de Sousa Barbosa



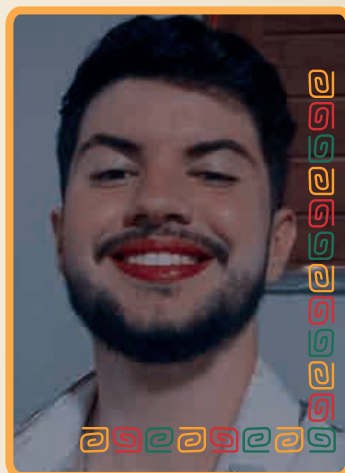
Ela é Ela, negra dos olhos de mel

Ela é Ela, a flor mais bela do jardim
Ela é Ela, mesmo não tendo a mesma cor que a minha
Ela é Ela, a moça mais bela de Quixeramobim
Ela é Ela, mesmo sofrendo tanto por sua cor e raça
Ela sempre continua sendo Ela.

Ela é Ela, mulher sofrida dos olhos tão belos
Ela é Ela, porque há de fazer isso por conta de uma besteira
Ela é Ela, mesmo quando o chicote estrala em seus ombros
Ela é Ela, e sempre vai continuar a ser a mulher negra
Ela é Ela, e quando há de parar o mundo de fazer mal a Ela?

Nota do autor: Ela é ela negra dos olhos de mel, foi inspirado em uma reportagem que assisti, que apareceu uma moça jovem dos olhos muito bonito, mas que infelizmente sofria com a sociedade, por conta da sua cor e raça, uma sociedade injusta com essa mulher negra e assim mesmo sendo uma moça normal tão bela, só por conta de uma besteira como sua cor, é sujeita a chicotes e infelizmente sofre muito.

Antônio José Rodrigues de Macedo



A todas as mulheres negras

Um grito ecoa no meu ouvido.
Resista!
Resista por aquelas que resistiram.
Não disseram que ia ser fácil.
Não disseram que íamos ser fortes.
Mas, em tudo que vocês fizessem.
Hoje vale a pena resistir a vida.

A vida é mais límpida agora.
Pelo polimento que nos deixaram.
Retribuir a isso é difícil.
Mas terminar o que começaram
É digno!
Sabemos que viemos de vocês.
Temos orgulho de quem somos, agora.

Nota da autora: Esse é um poema que destaca a importância da resistência e da herança das mulheres negras em meu país. Valorizar e reconhecer suas lutas é fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. O poema ressalta a força e a determinação que foram passadas de geração em geração, e é um tributo emocionante para mim.

Izabela Coelho Paulo



Número 1

Não consigo esquecer o dia
Que dia?
O dia em que me chamaram de favelada

E desde aquele dia resolvi
Que ninguém, iria me desprezar
Por que?

Porque sou, "I'm one of one, I'm Number one, I'm 'The only one"
E todos tentam chegar aos meus pés
Mas não conseguem
Porque sou única.

Nota do autor: O poema descreve que muitas pessoas querem discriminar e ofender a mulher, mas elas são únicas, a beleza é surreal. o trecho em inglês faz referência à música “Alien superstar”, da cantora Beyoncé, que mostra isso e muito mais.

Wislan Moura Piauí



Vivência negra

A vivência de uma realidade
Na qual só se ver a maldade
No coração de pessoas impuras
Que tem preconceito de pessoas escuras.

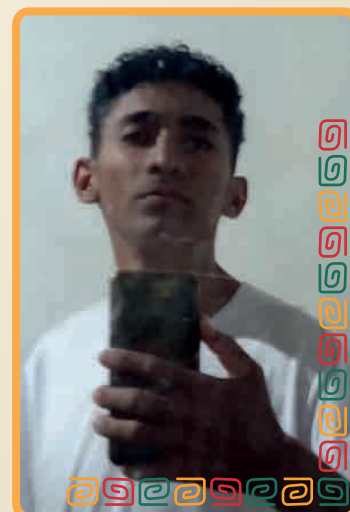
Só esquecem dos acontecimentos
Que ocorreram no passado recente
Onde mulher como eu, de cor
Tiradas de seus lares a força
Acabaram que por compor
Uma sociedade distinta.

Mesmo que por um acaso eu minta
Infelizmente é impossível esconder
A tristeza em meus olhos castanhos
Por ser julgada pela cor
E ser julgada por ser mulher.

Viver uma vida sofrida
Por causa do que aconteceu no passado
Hoje não posso simplesmente dizer
Que não aconteceu o que queria
Devido seu uma mulher negra.

Nota do autor: O poema “Vivência negra” foi inspirado no passado histórico, na época da escravidão, onde mulheres e homens foram tirados de suas casas e levados como escravos, fazendo com que até hoje, a mulher negra seja tratada com inferioridade diante a sociedade.

Isak Oliveira de Sousa



Luz e escuridão

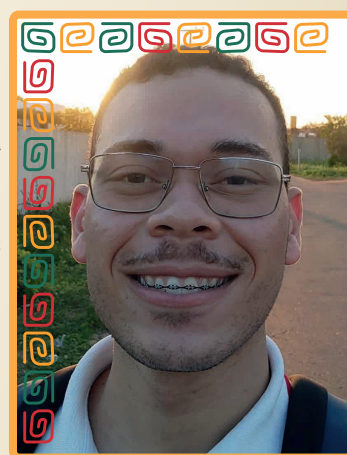
Entre a luz e a escuridão
Eu escolho a escuridão
Minha dor e sofrimento
Traçados por um passado
De lutas e aflição.

Meu corpo marcado pela
Soberba e injustiça de
Um povo que não me
Queria bem, minha mente
Já não tem mais luz.

Meu conforto está na escuridão
Não quero olhar para eu mesma
E ver que minha luz, minha alegria
Minha beleza, esconderam-se de mim
Já não vejo a luz, somente a escuridão.

Nota do autor: O poema expressa a dor e o sofrimento vivido por uma mulher de etnia e cultura diferente. O modo como é tratada, apenas como serventia, como moeda de troca, reflete sua por trás de poucas palavras.

Sansão Alberto Pereira de Araújo



Sua voz

Mulher negra, sua voz ressoa
Seu olhar revela, sabedoria e tenacidade
Que orgulho de uma herança
Tao profunda.

Mulher negra, possuidora de uma voz poderosa
Mulher que transpõe obstáculos, desafia conceitos em cada mente
E batalhando para provar que
A equidade é um direito inerente.

Mulher negra, símbolo de força e superação
Para ela não existem limites
Sua essência é a mais genuína fonte
De inspiração.

Nota da autora: Esse poema aborda a voz da mulher negra que há tempos tem batalhado na sociedade para ser reconhecida e combater as disparidades. Inúmeras mulheres, tanto no presente, quanto no passado, enfrentaram grandes adversidades e permaneceram em silêncio diante de todas as agressões, seja elas verbais ou físicas. Contudo, hoje elas quebraram essas barreiras e estão cada dia mais determinadas e resilientes para vencer esse estigma.

Thailane Sousa Magalhães



Tudo além da cor

A minha força provém do interior
A minha luta faz parte da minha história
Tenho tentado se mais do que apenas cor
Fazendo de tudo para ter o valor daquilo que sou
E um dia quem sabe, gritar bem alto a minha glória.

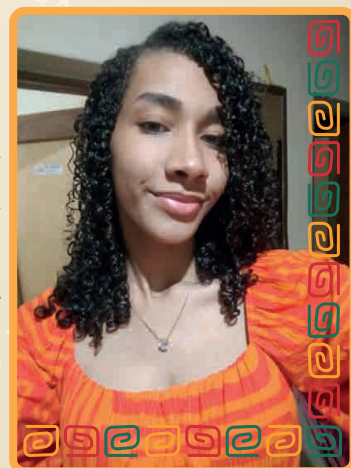
Anos se passaram, lutas perdidas, algumas vencidas
houve morte, dor, sofrimento, sangue e desprezo
apesar do que houve, até aqui
estou lutando pelas almas perdidas
tento conquistar aquilo que nunca foi meu
mas que sempre me pertenceu.

De pé mais uma vez me esforço a ficar
Me derrubaram, pois, dizem que o meu lugar não é no topo
Vou lhes mostrar que posso derrubar essa construção
Quero que vejam que eu posso chegar até o céu.

Se não enxergar o mau valor,
A minha luta,
A minha história,
A minha dor,
As minhas conquistas,
És o pior cego que existe.
Aquele que vê coma as lentes embaçadas
Que a muito foram corrompidas pelo ódio de séculos
Pela desvalorização de vidas
Pelo sangue de milhares
Pela luta de negras, mulheres.

Nota da autora: Esse poema expressa a indignação pela desvalorização que a mulher negra sofre na sociedade. Apesar de todas as suas lutas para conquistar cada vez mais o seu espaço, de todo o passado que carregam, ainda assim, não têm o lugar que merecem em meio a sociedade.

Kássia Coelho Gomes



Canto de liberdade

Preta de olhos brilhantes,
Sempre alegre, presente e
Constante. Na luta por liberdade,
Sempre presente, nos campos
De cana trabalhava
Incansavelmente.

Após a noite, lançada na senzala,
No silêncio da noite, ela cantava.
Ela era mais que correntes e dor,
Ansiava por dias cheios de amor.

Seus cabelos trançados contavam
Histórias, de ancestralidade, força e
Memórias. Guiada pelas estrelas,
Ela encontraria o caminho para a
Liberdade um dia.

A heroína de uma época cruel, com
Coragem no coração, como o aço
De um fiel. Na história da
Escravidão, ficou símbolo de lutas
Que nunca se apagarão.

Nota do autor: Esse poema retrata a história de uma mulher negra durante a época da escravidão. Ele descreve sua resiliência, sua busca por liberdade e seu desejo por um futuro melhor. Os cabelos trançados simbolizam sua conexão com sua ancestralidade, e sua determinação é guiada pelas estrelas em direção à liberdade. Assim, a mulher negra se torna símbolo de coragem e resistência, deixando uma marca indelével na história da escravidão.

Wilson Joaquim Oliveira dos Santos



Mulher negra

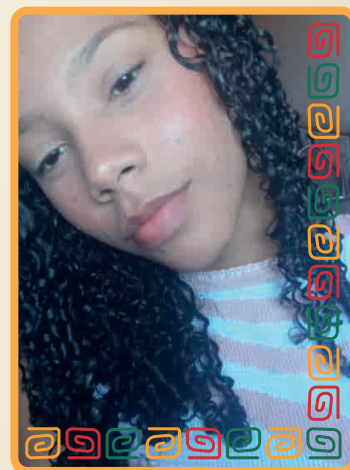
A mulher negra hoje tem
Dificuldade de conquistar
Um lugar onde alguém
Possa lhe respeitar.

Mulher que é mulher
Já sofre todo dia
E só por um pouco
Mais de cor a dor se intensifica.

Mulher negra é guerreira
Pois luta pelo seu povo
Não para nem que queira
Do amanhecer ao anoitecer.

Nota da autora: A inspiração para a criação do poema veio das dificuldades que a mulher negra tem em conseguir o espaço merecido na sociedade, o desrespeito que sofrem e a sua busca para mostrar o seu valor.

Marcylene Vieira Dias de Andrade



Negritude revigorante

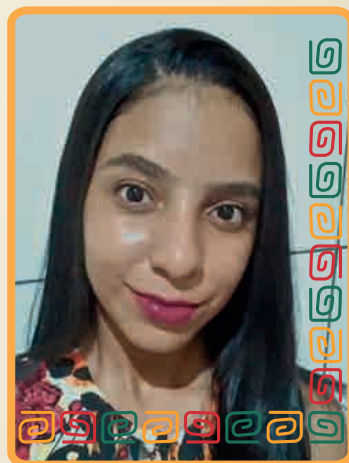
De posse de uma pele negra
Linda e exuberante,
Possui em si uma força
Enorme e revigorante.

Aos antepassados sofridos,
Dos quais não tão distantes,
Os honra a cada dia
Com suas ações estonteantes.

Dos cabelos encaracolados
E de olhos tão brilhantes,
É encantadora a dar sorrisos
Imensamente deslumbrantes.

Nota da autora: O poema “Negritude revigorante” tenta expressar em palavras o quão linda e maravilhosa é a mulher negra. Ele descreve, qualificando, alguns dos traços e características, de forma a exaltar a sua beleza. Mas para além disso, ele também ressalta como as conquistas e ações diárias de mulheres negras encheriam de orgulho e felicidade os seus antepassados, os quais viveram em uma sociedade extremamente pior, ao compararmos com a atual, infelizmente.

Valéria da Cruz Alencar





Na pele da mulher negra

Na pele escura, um brilho de estrela
A mulher preta, forte e bela
Com amor e coragem, ela é singela
É luz na vida, uma donzela.

Seus olhos, noite estrelada a piscar
Sua pele, conta história de lutar
Sua dança e canção, brilhar
Ela é alegria, no seu caminhar.

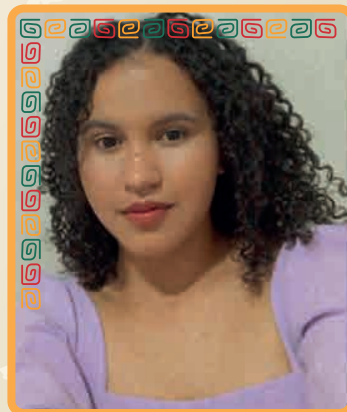
Com sabedoria, enfrentou a vida
Gerações de luta, na caminhada
A mulher preta, na luz da avenida
É poesia e sorriso, na jornada.

Com sabedoria, enfrentou a vida
Gerações de luta, na caminhada
A mulher preta, na luz da avenida
É poesia e sorriso, na jornada.

Lutando por justiça, por igualdade
Sua voz, um canto de verdade
Na dança da vida, com simplicidade
A mulher preta é felicidade.

Nota da autora: O poema fala da beleza e das virtudes da mulher negra, uma inspiração a partir da poesia de Mel Duarte. Os versos lembram que nem sempre devemos falar do sofrimento da mulher negra, mas sim o quanto é bela e forte, refletindo simplicidade e a felicidade no olhar.

Marileia Rodrigues de Sousa



Mulher de força

Respeito não tem cor, tem consciência
Quem julga por etnia não entende
Que a única coisa que nos diferencia
É a melanina que é diferente.

Aos ancestrais dessa beleza
Foi o que recebestes de herança
Junto com as histórias de tua resistência
Que guarda em tranças.

Mulher, teu potencial não se mede
Pela curvatura e fibra do teu fio
Não se cale diante da sociedade
Tua cor é uma honra, és heroína.

Nota da autora: Minha inspiração para esse poema veio a partir do momento em que percebi o quanto é preciso ser extremamente forte em meio essa sociedade racista. Porque é cansativo e doloroso para essas pessoas simplesmente mostrarem que são gente como nós, que independente de religião, lados políticos e ideologias continuam sendo negros(as), são guerreiros(as) e com histórias repletas de muita luta, determinação e coragem.

Maria Eduarda de Sousa Passos



Uma linda história

Na linha da história, brilha a mulher negra.
Com cabelos que desafiam a gravidade e
tendência, e olhos que contam histórias de
fé e persistência. Sua pele é a própria
resistência tangível. No seu coração,
lutar é de sua própria natureza.

No âmago da cultura afrodescendente, a
mulher negra dança ao som dos tambores
ancestrais, entoando canções que celebram
a vida e a resistência, o berimbau que pulsa
uma herança rica, enraizada e que mergulhada
na terra África. Com determinação, ela molda seu
destino, construindo um legado de amor para
sua geração futura.

Carrega força ancestral com raízes no chão,
sustentando a herança de uma imensa nação.
Seu rosto carrega memórias do passado, ela é
presente, é futuro, é um legado renovado.

Com força, graça e coragem, a mulher negra
é brilho que não se apaga, é o sol que traz o
amanhã de esperança. No palco da vida, é a
estrela que brilha com glória e escreve a história
de uma luta e uma vitória.

Nota da autora: Nunca antes havia escrito um poema. Quando pequena escrevi três diários que guardo a muito tempo e neles deixei registradas músicas, contos e acontecimentos dos meus dias, mas nunca tive a oportunidade de pensar de forma crítica sobre um tema e me inspirar nele para fazer um pedaço de "arte". No começo não tive inspiração para escrever, mas a partir de um sonho que tive em uma noite consegui iniciar a minha produção que acabou saindo de forma muito livre e sinto que no final ficou bastante lírica. Acredito que por influência do sonho este poema saiu com um ar mais sonhador e mítico do que eu esperava, mas me agradou o seu formato final e a luz que eu queria passar senti ela sair por entre as letras do poema.

Laura Maria Soares de Oliveira Moraes





Eu só

Tiraram meus direitos
Me calaram
Me bateram
Me tiraram da minha terra
Me violaram
Me escravizaram.

Mas não porque eu devo ter
“matado, roubado e mentido”
Mas pelo simples fato da minha cor,
religião e cultura.

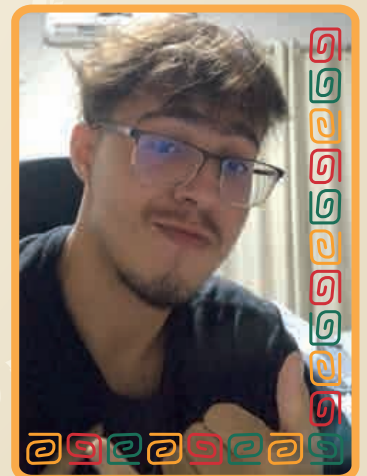
Hoje gritam igualdade quando um(a) de nós morremos,
mas o sofrimento foi igual?
As lutas são iguais?
As conquistas também?

Todo mundo tem o mesmo direito,
mas pelo visto uns tem mais direitos
que outros na nossa sociedade
onde todos somos iguais.

Só quero ter o direito de voz.
Só quero meu lugar.
Só quero uma sociedade onde me respeite.
Só quero ser livre das regras que me colocam
por causa da minha cor e gênero.

Nota do autor: Esse poema eu fiz após lembrar de uma entrevista de Marielle Franco na Rede Globo em 2018, onde ela falava as consequências que o povo negro sofreu apenas pela cor da pele e da dificuldade que é ser mulher e negra na nossa sociedade, onde ela também cita o que ela quer conseguir com a luta dela.

João Victor Tavares de Sousa





Considerações finais

“Enquanto a cor da pele dos homens valer mais do que o brilho dos olhos, sempre haverá guerra.” (Bob Marley)

Para além da investigação do tema evidenciado nesse produto educacional, espera-se que as ações fruto desse trabalho, fomentem a discussão e a criticidade sobre o a problemática dentro das práticas de ensino na Educação Profissional e Tecnológica. Tal discussão mostra-se de fundamental importância na formação sócio-crítica dos estudantes, uma vez que o referido trabalho deve ir além dos fins acadêmicos, mas sua principal função é fazer sentido e contribuir na formação humana integral e na realidade social de seus envolvidos.

Consequentemente, deseja-se que esse trabalho possa servir de inspiração e material de apoio para outros educadores que buscam desenvolver práticas de ensino e aprendizagem significativas na vida de seus estudantes, tornando-os protagonistas na construção da própria história. Assim, é preciso que se assuma o compromisso em desenvolver uma prática pedagógica interdisciplinar de caráter integral que vá além dos conteúdos programáticos específicos das disciplinas envolvidas, e que sirva de fomento para a construção de uma escrita engajada como ferramenta de denúncia social.

Por fim, almeja-se que o trabalho em questão, por meio do embasamento teórico que fundamentou sua construção, do descritivo compartilhar das experiências vivenciadas na realização das oficinas, bem como da literatura produzida pelos participantes e aqui disponibilizada, possa contribuir para inspirar e incentivar outras práticas educativas interdisciplinares de caráter omnilateral. Assim, anseia-se que as ações desse projeto e a concretização do produto educacional, contribuam de forma efetiva na formação crítica e reflexiva daqueles que participaram do seu processo de sua construção, bem como daqueles que terão acesso a sua leitura no futuro.



REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 279-326.

BOSI, Alfredo. “Posfácio – A poesia é ainda necessária?”. In: **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cia das Letras, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helene Kühner. 13 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais. Linguagens, Códigos e suas tecnologias**. Brasília: MEC, 2000.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília: Ministério da Educação, 1999.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua portuguesa**. Brasília, DF: SEF, 1997.

CANDIDO, Antônio. “O Direito à Literatura”. In: **Vários escritos**. 4 ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004.

COELHO, L. M. C. **História(s) da Educação Integral**. Em Aberto, Brasília, v. 22, n. 80, p. 83-96, abr. 2009.

DUBY, Georges e PERROT, Michelle. História das Mulheres no Ocidente. **A Antiguidade**, Vol 1, Porto: Edições Afrontamento, 1990.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

FAZENDA, Ivani. Interdisciplinaridade e Transdisciplinaridade: visões culturais e epistemológicas. In: FAZENDA, Ivani (org). **O Que é interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008.

FAZENDA, Ivani. **Interdisciplinaridade: qual o sentido?** – São Paulo: Paulus, 2003.



FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FRIGOTTO, G. A interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas ciências sociais. In: JANTSCH, A. P.; BIANCHETTI, L. (org.). **Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria. Trabalho como princípio educativo. In: SALETE, R.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. (org.). **Dicionário da educação do campo**. Rio de Janeiro: Escola Politécnica Joaquim Venâncio; São Paulo: Expressão Popular, 2012.

HJELMSLEV, L. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. Tradução: J.Teixeira Coelho Netto. SP: Perspectiva, 1975.

KLEIN, Julie Jhompson. Ensino Interdisciplinar, Didática e Teoria. In: Fazenda Ivani (org.). **Didática e Interdisciplinaridade**. 6º ed. Campinas: Papirus, 2001.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2017a.

LIBÂNEO, José Carlos; Oliveira, João Ferreira de; Thoschi, Mirza Seabra. **Educação Escolar: políticas, estrutura e organização**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

RAMOS, Marise. **História e política da Educação Profissional**. Curitiba, PR: Instituto Federal do Paraná, 2014.



"Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar." (Nelson Mandela)